

## APRESENTAÇÃO

Acreditamos que em um trabalho de abordagem qualitativa o pesquisador, antes de mais nada, deve colocar-se de forma que fique claro como o tema a que se propõe estudar surgiu em seu contexto de vida. Assim, antes de iniciarmos, percebemos ser importante apresentar ou, melhor dizendo, delinear um pouco nossa reflexão sobre como a temática da criança e do adolescente, em especial aqueles em situação de rua, apresentou-se-nos e marcou presença em determinados momentos de nossa vida.

Muitas vezes nos deparamos, até mesmo sem perceber, com diversas situações onde a questão de crianças e de adolescentes em situação de rua estava em evidência. Em muitas delas sentimo-nos comovidos, algumas deixaram-nos perplexos ante a irresponsabilidade e passividade da sociedade, outras tantas vezes ficamos também atônitos ante a crueldade, a perversidade, a indiferença e a violência com que crianças e adolescentes foram e são tratados pela sociedade.

Mas, neste momento em que nos propomos a escrever um estudo abordando este tema, foi possível refletir sobre estes momentos, de alguma forma marcantes em nossa trajetória de vida e, retomando-os, relacioná-los ao nosso trabalho como enfermeiro de Saúde Pública, docente e pesquisador nesta área.

Neste sentido, resgatamos algumas lembranças da nossa infância, por acreditarmos serem importantes para situar o desenvolvimento deste estudo. Começamos então por perguntar-nos se algum dia, em algum momento de nossa vida, teríamos sido 'menino de rua'. Naquela época, nos idos da década de 70,

ora numa cidade do interior de Minas Gerais quando em férias escolares, ora numa cidade do interior de São Paulo onde vivíamos com nossos pais, o espaço público, isto é, a rua, praças, jardins ou largos, eram ideais para as brincadeiras de toda a meninada dos arredores de casa.

O repertório de brincadeiras na rua era praticamente infinito. Ali nos tornávamos mocinhos e bandidos, corríamos a valer no pega – pega, empinávamos papagaio (ou pipa), andávamos de bicicleta por todos os lados, jogávamos bola, brincávamos também de esconder, “queimada” e de ser “artistas” de espetáculos incríveis em um circo improvisado debaixo de uma árvore, entre uma infinidade de outras brincadeiras, muitas das quais não nos recordamos. Estas se seguiam umas às outras e, no fim do dia, era difícil saber por onde e por qual delas havíamos começado.

Se não nos falha a memória, existiram poucos meninos entre nós que, de acordo com o ponto de vista de nossas mães, seriam o que se denominava por meninos ou moleques de rua. Geralmente estes eram mais velhos e as suas mães trabalhavam fora de casa ou tinham uma atividade que lhes consumiam grande parte do tempo. Dessa maneira, estes meninos permaneciam um pouco mais na rua e tinham fama de encenqueiros e de más companhias, talvez porque muitas vezes induziam os mais novos a fazer coisas não muito comportadas como brincar de fumar cipó seco de chuchu, jogar pedra na vidraça de uma casa abandonada, ou ainda roubar goiabas do pomar de uma chácara ou suculentas e deliciosas mangas do quintal do vizinho, brincar no monte de areia de uma construção, espalhando-a pela rua e assim por diante.

Seriam estes atos ilícitos? Não sabemos muito bem até que ponto. Mas residia em nós sentimentos contraditórios da aventura e do medo da repreensão por parte dos proprietários daqueles locais “invadidos”, assim como do castigo imposto por nossos pais e até a ameaça velada de sermos levados para o “Instituto”, um local específico para órfãos, crianças abandonadas e meninos que tinham cometido alguma infração e estavam sob custódia do Juizado de Menores, isto é, internados na Unidade Educacional da FEBEM (Fundação do Bem-Estar do Menor).

Portanto, onde passamos nossa infância, um menino ou menina de rua, raramente vivia na rua, roubava ou cheirava cola (diga-se de passagem que a cola mais comum no meio da garotada era o grude de polvilho para colar o papel na montagem na pipa. Aliás, mal servia para isso). A rua para os meninos de então significava estender para as proximidades o quintal da casa onde moravam.

Enfim, esta visão até mesmo romântica do menino de rua da nossa época de criança, mostra em linhas gerais, nossa percepção sobre os meninos e meninas de rua, a partir de nossa própria experiência de vida na infância.

Porém, um dia, aos dez ou doze anos de idade, ao assistir no cinema uma adaptação de “Oliver Twist” (Charles Dickens), comoveu-nos aquela condição de abandono do menino apresentada. Também nos assustava a possibilidade de ter existido algum dia e em algum lugar meninos que, sofrendo pela sua condição de abandono, vivendo sujos e maltrapilhos pelas ruas sombrias e úmidas da Inglaterra do final do século passado, estavam sujeitos às crueldades de alguns adultos sem escrúpulos.

Já no início da adolescência, o romance de Hermann Hesse, “Demian” chegou às nossas mãos. Neste, o protagonista (um garoto alemão chamado Sinclair), contando vantagens a um grupo de meninos que permanecia nas ruas próximas de um mercado, cria uma fantástica história sobre um roubo de maçãs de que participara. No entanto, o líder do grupo daqueles meninos (Franz Kromer), através de chantagens ao personagem central da trama, tira proveito deste fato para não revelar a ‘história’ ao proprietário do pomar de macieiras.

Este capítulo do livro lembrou-nos da nossa infância quando, também, sofremos chantagens de um menino da vizinhança que ficava na rua e não ia à escola. Este garoto pedia-nos dinheiro alegando ter-nos visto, certa vez, furtando parafusos dos caibros de uma casa em construção, o que não era verdadeiro. Assim como o personagem Sinclair - de Hesse, em meio à fantasia do que poderia nos acontecer, tínhamos muito medo daquela situação, mesmo não tendo nenhum envolvimento com o ocorrido, até que um dia, para alívio, ele fora encaminhado a uma Unidade Educacional da FEBEM pelo Juizado de Menores, por ter sido pego pela polícia em flagrante de roubo. Depois disso, nunca mais foi visto, pois os parentes com quem vivia mudaram-se das redondezas.

O início do processo de abertura política que o país atravessava no final dos anos 70 e início dos 80 trouxe à tona a questão dos “trombadinhas”, dos delinqüentes, dos menores de rua e dos problemas estruturais da FEBEM, a qual, muitas vezes, favorecia condições para que os internos se iniciassem no mundo da criminalidade. O filme “Pixote”, lançado nesta época, retrata muito bem toda esta situação. Ao assistir este filme nossa reação foi de espanto, principalmente porque um menino mais ou menos de nossa idade sofria tanto e daquela forma.

Foi um momento muito importante onde começamos a rever alguns valores importantes em relação ao convívio social e o papel da família neste contexto.

Nesta época, nos preparativos para os exames vestibulares, tomamos a leitura de algumas obras de Jorge Amado, entre elas “Capitães de Areia”. Hoje podemos dizer que, intencionalmente, associamos o relato desta obra com as histórias dos filmes “Oliver” e “Pixote” e com a do romance de Hesse, o que permitiu-nos a estabelecer algumas relações entre as situações vivenciadas pelos meninos nestas produções. Assim foi possível percebermos que a questão de meninos e meninas naquela condição de abandono era algo muito mais presente na sociedade, em especial na brasileira, do que podíamos imaginar e, ainda, que consistia de uma situação muito mais complexa do que podia parecer.

Depois, na Universidade, chamavam-nos a atenção aquelas disciplinas voltadas à saúde da criança e do adolescente. Nossa experiência enquanto alunos de graduação em Enfermagem e estagiários na Enfermaria Pediátrica alertou-nos para a questão de que muitas crianças estavam ali, porém, se fossem adotadas medidas simples em suas casas, com certeza não haveria necessidade de internação em um Hospital para tratar aquele tipo de problema de saúde. Ainda na graduação, tivemos oportunidade de participar de um Programa de Saúde Escolar (hoje PROASE em Ribeirão Preto - SP), desenvolvido por docentes da área de Enfermagem Pediátrica, onde desenvolvíamos cuidados primários de saúde à criança em idade escolar.

Este foi um momento de grande importância em nossa formação pois ali encontramos uma grande possibilidade de trabalhar no sentido de assistir essa clientela e conhecer um pouco mais a sua realidade de vida. Foi quando

começamos a compreender a complexidade do processo saúde – doença e seus determinantes sociais, ou seja, pudemos fazer correlações entre as condições de vida da criança e a sua situação de saúde.

No início da nossa carreira enquanto Enfermeiro e Professor de uma Faculdade de Enfermagem e desenvolvendo atividades de extensão em uma Escola de Primeiro Grau, chamou-nos a atenção a existência de crianças que não estavam freqüentando a escola e permaneciam pelas ruas nos seus arredores. Buscamos, então, conciliar nosso trabalho também a este grupo, através de seus pais e professores, no sentido de trazê-los de volta às salas de aula. Nesse sentido, o ambiente escolar propiciou-nos um acompanhamento mais próximo a respeito de situação de saúde de todo este grupo, bem como conhecer suas expectativas quanto aos serviços de saúde.

Dessa maneira, nosso trabalho, enquanto enfermeiro e docente de um curso de graduação em Enfermagem, foi convergindo para a pesquisa sobre a questão da criança e do adolescente em situação de rua, resultando em uma dissertação de Mestrado. Nesta, buscamos uma aproximação acerca da temática e aprofundamos alguns aspectos do abandono de crianças, o que nos levou a perceber mais uma vez a dimensão e abrangência dessa questão.

Através do processo de elaboração da dissertação de Mestrado, foi possível aprofundar o resgate histórico do abandono de crianças no sentido de compreendê-lo melhor e encontrar outros possíveis fundamentos para explicar a existência de tantos meninos e meninas pelas ruas das cidades, vivendo ali ou convivendo com outros meninos e envolvendo-se com drogas e roubos, expondo-se aos riscos sociais e pessoais inerentes à rua enquanto espaço público.

No entanto, considerando o dinamismo de nossas vidas, ao transferirmo-nos para Goiânia, Estado de Goiás, descobrimos uma nova realidade, diferente em muitos aspectos daquela que até então conhecíamos acerca dos meninos e meninas em situação de rua, que precisava, ao nosso entendimento, ser conhecida através de uma investigação criteriosa.

Tomando como ponto de partida nosso Projeto para ingresso no Programa de Doutorado que previa um desdobramento da dissertação de Mestrado, buscamos inicialmente uma aproximação com o campo tentando conhecer os programas existentes e em desenvolvimento na cidade e que fossem voltados ao atendimento de crianças e adolescentes em situação de rua ou que já estavam fora dela. Ao mesmo tempo, descobrimos algumas produções literárias desenvolvidas por pesquisadores locais, acerca dos meninos e meninas de rua de Goiânia (CARVALHO, 1991; FENELON, MARTINS & DOMINGUES, 1992; MOURA, 1992) que contam um pouco da história desse grupo na cidade.

Posteriormente, procuramos por um desses programas que identificamos, o qual detalharemos adiante, com o objetivo de conhecer melhor a dinâmica de funcionamento da Instituição Abrigo, promover a interação com as pessoas que ali trabalhavam e viviam e, também, identificar elementos que nos permitissem desenvolver um trabalho voluntário no local enquanto professor e enfermeiro. Dessa maneira, identificamos ali um espaço importante para desenvolvimento das pesquisas do Doutorado que, a esta altura, já começava a apresentar seus primeiros contornos.

A receptividade foi excelente por parte de todos daquela pequena comunidade e vislumbramos a possibilidades de desenvolvermos em parceria

futuras ações entre a Instituição de Abrigo e a Universidade à qual estamos vinculados, no que se refere ao desenvolvimento de atividades de educação e promoção da saúde junto às crianças e aos adolescentes com experiência de vida pelas ruas.

O interesse por esse assunto, portanto, não surgiu do nada e, hoje, considerando nossa maturidade profissional e pessoal e a familiaridade com a temática, percebemos que essa questão, de uma forma ou de outra, acompanha nossa trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica. Talvez seja por isso que fora possível identificarmos em nossa pessoa esta relação próxima entre estes meninos e os motivos ou razões que nos favoreceram direcionar o trabalho enquanto enfermeiro, docente e pesquisador e, assim, sair da passividade de espectador para a ação, ainda que através de reflexões teóricas.

Embora não seja pretensão exclusiva desta pesquisa, acreditamos que desta forma estaremos contribuindo, também, para que a Enfermagem possa encontrar caminhos e estar inserida neste processo de garantir à criança e ao adolescente o exercício da cidadania, seu direito de ser criança e ir à escola, conviver com sua família em condições adequadas de vida, jogar bola, andar de bicicleta, brincar com os amigos, enfim, assegurar o direito de viver a sua infância na plenitude.

Este nosso trabalho de pesquisa está organizado em quatro Capítulos onde procuramos discorrer sobre a questão dos “meninos e meninas em situação de rua” de forma a ampliar e aprofundar a discussão sobre a temática no que se refere às representações sociais que têm sobre a rua assim como as relações que estabelecem em suas vidas.



No Primeiro Capítulo, recortamos da realidade social brasileira contemporânea a questão do menino e menina de rua, nosso objeto de estudo, justificamos a importância do desenvolvimento de uma pesquisa sobre a temática e sua relação com a Enfermagem e estabelecemos os objetivos delineados a partir das questões e pressupostos.

Destacamos no Segundo Capítulo aspectos encontrados na literatura produzida por várias áreas da ciência relacionados ao tema de estudo e articulados questões mais específicas que tratam da família da criança e do adolescente em situação de rua e das políticas de assistência a este grupo. A partir disso identificamos duas categorias de análise e apontamos a relevância destas no sentido de sustentar o processo de análise e discussão dos dados coletados através das entrevistas, fotografias e nossas observações junto aos meninos com experiência de vida na rua que se encontravam em uma Instituição de abrigo na cidade de Goiânia, Goiás.

No Terceiro Capítulo discutimos sobre o referencial teórico metodológico proposto para o processo de desenvolvimento desta pesquisa como um todo, apresentamos e discutimos a delimitação do nosso campo de estudo e, também, sobre as estratégias utilizadas na etapa de coleta de dados.

No Quarto Capítulo discutimos, através das categorias empíricas extraídas das falas dos atores deste estudo, as representações sociais que o menino em situação de rua tem sobre a rua assim como as relações que desenvolvem entre os próprios meninos, com suas famílias e a Instituição que os abriga. Esta discussão está articulada ao referencial teórico apresentado no

Segundo Capítulo e em nossas observações, assim como com as imagens das fotografias captadas pelos meninos.

Finalizando, trazemos algumas considerações a título de conclusão, para refletirmos sobre nossa atuação enquanto profissionais da área de saúde, pois, partindo do princípio de que em saúde estão implícitos os determinantes sociais, acreditamos que seja também responsabilidade do enfermeiro, enquanto cidadão e profissional da área, intervir nas questões sociais que interferem na qualidade de vida da coletividade.